

## O consumo da diferença: corpo e trabalho nas narrativas do “Portal da Superação”

### El consumo de la diferencia: cuerpo y trabajo en las narrativas del “Portal da Superação”

#### *The consumption of difference: body and labour in the narratives of the “Portal da Superação”*

João Carrascoza<sup>1</sup>

Vander Casaqui<sup>2</sup>

Tânia Hoff<sup>3</sup>

**Resumo** Neste artigo, temos como objeto de estudo as narrativas de pessoas amputadas, divulgadas na plataforma digital Portal da Superação<sup>4</sup> do site Globo.com, que têm origem na trama ficcional televisiva *Viver a vida*, dirigida por Manoel Carlos. No referido portal, as narrativas apresentadas em versão resumida no desfecho de cada capítulo encontram-se em versão estendida e transcendem a esfera da telenovela no processo transmidiático. Tendo como enfoque a inter-relação dos processos de comunicação e de consumo da alteridade, delimitamos nossa análise nos deslizamentos de sentido do corpo e do trabalho, considerando algumas transformações dos regimes de visibilidade da diferença.

**Palavras-chave:** Consumo. Narrativas de superação. Regimes de visibilidade. Corpo diferente. Trabalho.

<sup>1</sup> Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA- USP, e professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP. E-mail: jcarrascoza@espm.br

<sup>2</sup> Doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA- USP, e professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP. E-mail: vcasaqui@espm.br

<sup>3</sup> Doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA- USP, e professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM/SP. E-mail: thoff@espm.br

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://especial.viveravida.globo.com/portal-da-superacao/>>. Acesso em 13/04/2010.

**Resumen** *En este artículo, tenemos como objeto de estudio las narrativas de personas amputadas, divulgadas en la plataforma digital “Portal da Superação”<sup>4</sup> del sitio Globo.com, que tiene su origen en la trama de la ficción televisiva “Viver a vida”, dirigida por Manoel Carlos. En el referido portal, las narrativas presentadas en versión resumida en el desenlace de cada capítulo se encuentran en versión extendida y trascienden la esfera de la telenovela en el proceso transmediático. Teniendo como enfoque la interrelación de los procesos de comunicación y de consumo de la alteridad, delimitamos nuestro análisis a las desviaciones del sentido del cuerpo y del trabajo, considerando algunas transformaciones de los regímenes de visibilidad de la diferencia.*

**Palabras-clave:** *Consumo. Narrativas de superación. Regímenes de visibilidad. Cuerpo diferente. Trabajo.*

**Abstract** *In this article we use as an object of study the narratives of amputated people, which are broadcast on the platform of the digital “Portal da Superação”<sup>4</sup> of the site Globo.com, which originates in the fictitious television plot “Viver a vida”, directed by Manoel Carlos. In the referred portal, the narratives, which are presented in a summarized version at the dénouement of each chapter, are to be found in an extended version and transcend the sphere of the television serial novel in the transmediatic process. Focusing the interrelationship of the processes of communication and of the consumption of alterity, we delimit our analysis to the meaning deviations of the body and of labour, taking into consideration some transformations of the regimes of the visibility of difference.*

**Keywords:** *Consumption. Self-conquest narratives. Visibility regimes. Different body. Labour.*

---

Data de submissão: 10/2010

Data de aceite: 11/2010

Cultura, comunicação e consumo se entrelaçam na constituição do espírito de nosso tempo. Morin (2007, p.68-9) discute a forma como se desenvolvem as relações entre produção e consumo nesse cenário, em que a indústria cultural tem presença determinante. De acordo com o autor, o trabalho, de maneira geral, esvazia-se de seus “conteúdos humanos”, no processo da mercadorização da mão de obra a partir da Revolução Industrial, que se traduz no trabalho assalariado e na divisão científica das funções, e subordina a subjetividade à razão técnica, ao desempenho maquinal, à produção em escala e ao lucro. Nesse cenário da produção, é por meio do lazer que se “abrem os horizontes do bem-estar, do consumo e de uma nova vida privada” (p.68). O consumo, nessa perspectiva, ultrapassa sua dimensão material, pois tem um caráter de “autoconsumo da vida individual” (p.69).

Produção e consumo, vistos a partir do cotidiano dos sujeitos, passam a se relacionar como polos distintos, quase opostos, de uma mesma existência, onde o trabalho é revestido dos sentidos da obrigação, da subsistência, da identidade homogeneizante a partir de funções concebidas como padronizadas, definidoras do caráter de quem as exerce, na circulação social dos significados do mundo do trabalho, consumido midiaticamente por meio das representações sociais elaboradas no seio da indústria cultural. Por outro lado, é no consumo que o imaginário da distinção, da individualidade, da ficcionalização do cotidiano se exerce com maior intensidade; os bens materiais e as produções culturais, com destaque para as narrativas audiovisuais do cinema, e depois, das narrativas televisivas, revestirão a existência de possibilidades de transformação, do sonho materializado, de metas particularizadas de vida, do imbricamento entre real e imaginário.

Destacamos aqui a importância das telenovelas no cenário latino-americano e, como defende Martín-Barbero (2001), no processo de modernização da sociedade e da narrativização das identidades nacionais, da transposição das tradições e dos costumes locais para um plano globalizante, em que as narrativas refletem e refratam as negociações, apropriações e choques entre aquilo que é produzido pela indústria cultural

como forma de conformação de multidões e do alinhamento à cultura ocidental – gestada principalmente sob o signo do *american way of life* – e a forma como essa produção é incorporada, traduzida, moldada ao espírito mestiço que define a identidade latino-americana, redefinindo a maneira como essas narrativas teleficcionais pautam o cotidiano dos sujeitos e são por ele pautadas.

Conforme postula Morin, “a cultura de massa pode assim ser considerada como uma gigantesca ética do lazer” (2007, p.69). Uma ética associada à dimensão estética, como o próprio autor explica: “é por meio do *estético* que se estabelece a relação de consumo imaginário” (p.77). Nesse vínculo estético que vai construir o lugar do observador, do receptor que, em maior ou menor grau, conforma-se ou se distancia daquilo que é esperado dele, projetado pelas escolhas de linguagem e das visões de mundo mobilizadas pela comunicação, mas que nunca é passivo, pois dialoga com o auditório social (Bakhtin) que define sua subjetividade entranhada nos sentidos e tramas discursivas sociais.

As narrativas da indústria cultural, nesse aspecto, possuem uma dimensão responsiva, pois se alimentam da cultura e retornam a ela com a ambição da aprovação, da assimilação, da atribuição de sentidos e da identificação dos sujeitos. É nessa perspectiva que vemos com especial interesse os depoimentos do *Portal da Superação*, como extensão narrativa da trama ficcional da novela *Viver a vida*. No plano estético, a novela aprofunda a relação entre o padrão das narrativas ficcionais, uma linguagem consolidada pela tradição telenovelesca da *Rede Globo*, e sua junção com a estética documental, das falas e da visibilidade das “pessoas comuns”, que não são apenas figurantes, mas principalmente protagonistas de suas próprias narrativas, de suas histórias de traumas e superações, de suas *autoficções e autoenganos*, de suas maneiras de atribuir sentido para as próprias vidas, em conjunção com a tematização da novela. Estranho lazer esse que propõe o objeto de nosso estudo. A dimensão eufórica, revestida do imaginário de felicidade que pauta boa parte da produção cultural massiva, convive com a reflexão racionalizante, com o choque, com a denúncia, com a dor de nosso tempo. Para Susan Sontag,

A proximidade imaginária do sofrimento infligido aos outros que é assegurada pelas imagens sugere um vínculo entre os sofrendores distantes – vistos em close na tevê – e o espectador privilegiado, um vínculo simplesmente falso, mais uma mistificação de nossas verdadeiras relações com o poder. Na mesma medida em que sentimos solidariedade, sentimos não ser cúmplices daquilo que causou o sofrimento. Nossa solidariedade proclama nossa inocência, assim como proclama nossa impotência. Nessa medida (a despeito de todas as nossas boas intenções), ela pode ser uma reação impertinente – senão imprópria. Pôr de parte a solidariedade que oferecemos aos outros, quando assediados por uma guerra ou por assassinatos políticos, a fim de refletirmos sobre o modo como os nossos privilégios se situam no mesmo mapa que o sofrimento deles e podem – de maneira que talvez preferamos não imaginar – estar associados a esse sofrimento, assim como a riqueza de alguns pode supor a privação para outros, é uma tarefa para a qual as imagens dolorosas e pungentes fornecem apenas uma centelha inicial (SONTAG, 2003, p.85-86).

A reflexão pungente de Sontag (*idem*) coloca o paradoxo do espectador-consumidor de imagens “diante da dor dos outros”, conforme o título de sua obra: nesse processo de consumo, há um transporte imaginário que constitui a identificação, o compartilhamento da dor, a percepção de que há traços e histórias comuns que unem os sujeitos de distintas realidades, no desafio constante e diário que é a vida. Por um lado, essa dor pode estimular atitudes e gerar transformações – talvez a mais significativa esteja exatamente no plano estético da produção da telenovela, ao abarcar narrativas pessoais conduzidas, pelo menos em essência, pelos fluxos e sentidos dos próprios sujeitos. Há um regime de visibilidade que uniformiza as narrativas, mas que é renovado pelas faces, expressões, histórias, memórias de pessoas que, em grande parte, são alijadas de um convívio considerado “normal” na sociedade, pois demandam cuidados que, em geral, não são contemplados na concepção das cidades, de seus aparelhos e de seus fluxos. Sua presença midiática pode colocar em outro plano as carências sociais e estimular políticas públicas e ações privadas

de inclusão. Por outro lado, como aponta Sontag (*idem*), a individualização do drama e do trauma constrói o sentido do lugar do “outro”, daquele com quem compartilho a dor, porém sobre o qual não reconheço qualquer responsabilidade – que também não deve ser entendida como pessoal, como particularizada, mas como um sentido de comunidade imaginada que pensa no drama pessoal e, sobretudo, compreende como os privilégios de uns podem servir como condição para buscar a diminuição das ausências e daquilo que aflige e ameaça o outro.

Para além dessas dicotomias, a sociedade deve ambicionar o bem comum, sem que isso seja entendido como homogeneização e padronização para cidadãos vistos de maneira uniforme, mas que se ofereçam condições de dignidade no plano da multiculturalidade, das distinções de gosto e de valores, das formas de ver e de viver a vida. Inocência e impotência podem constituir o lugar do consumidor midiático que se conforta ao lugar do observador-*voyeur*, que expia o sofrimento do outro a distância.

Aqueles que apresentam suas narrativas de superação, ao tornarem pública a experiência traumática que vivenciaram, conferem visibilidade ao seu drama pessoal, mas também fazem ouvir as silenciadas vozes da diferença na sociedade brasileira. As possibilidades tecnológicas de uma nova mídia como a internet respondem, para além dos anseios pessoais, às necessidades de tensionamento e de enfrentamento de questões sociais até pouco tempo esquecidas por nossas políticas públicas.

Considerando que as filiações teóricas da noção de regime de visibilidade implicam agenciamentos do sujeito e também articulações entre formações de saber e relações de poder, podemos entender que eles consistem “não tanto no que é visto, mas no que torna possível o que se vê” (BRUNO *et al.*, 2010, p.8) e que são uma construção histórica – de caráter processual – e social, “um terreno de disputas e embates em que concorrem modelos mais dominantes e uma série de práticas e culturas menores” (*idem*, p. 8). Nessa perspectiva, a telenovela, produto midiático identificado com as camadas populares, faz emergir os temas que abriga em sua trama na cena midiática e sinaliza para novos sentidos na cena social. Trata-se de uma espécie de agenciamento do interesse público,

em que concorrem as relações de poder-saber de nossa época. Ao trazer para a cena midiática o problema dos deficientes físicos, a telenovela *Viver a vida* propõe uma pauta de discussão da diferença, na medida em que diariamente mobiliza a atenção de numeroso conjunto de telespectadores para o tema. A exibição da telenovela cuja personagem protagonista é uma cadeirante aponta, pois, para alterações nos regimes de visibilidade da diferença. É o que abordamos no item que se segue.

### **Narrativas de superação: consumo midiático do corpo diferente**

Os breves depoimentos inseridos no final de cada capítulo de *Viver a vida*, disponibilizados em edição expandida no site *Portal da Superação*, consistem numa espécie de diálogo transmidiático entre o mundo possível da ficção, focado no drama da personagem principal da novela, e seu percurso rumo à superação, e o mundo real em que pessoas passaram por situação traumática e relatam, num formato padrão de narrativa, como a superaram. Selecionamos três depoimentos, em suas versões estendidas, de uma dezena que compõem a categoria “acidentes, amputação e morte”, detendo-nos apenas naqueles relativos a acidentes e/ou amputação.

Nossa análise se vale dos estudos de Propp (1984), em sua clássica obra *Morfologia do conto maravilhoso*, na qual aborda os contos do folclore russo pelas suas partes constitutivas e relações entre si e o conjunto, o que o levou a concluir que se os nomes e os atributos dos personagens variam, as suas funções na narrativa permanecem inalteradas. Também adotaremos os estudos de Fiorin (1990) para investigar os polos opostos da estrutura profunda dos depoimentos, além das diferentes fases da estrutura narrativa: a manipulação (um sujeito induz outro a fazer alguma coisa), a competência (o sujeito do fazer adquire um saber/poder), a performance (o sujeito do fazer executa a ação) e a sanção (o sujeito do fazer recebe castigo ou recompensa).

Embora nossa análise se atenha ao depoimento oral, convém lembrar que as pessoas dão depoimento enquadradas invariavelmente em plano americano, num fundo branco sobre o qual está aplicado o logotipo *Viver a vida* (que atua como “constante”, na acepção de Propp) e em cujo espaço aparecem e desaparecem palavras e imagens, sempre relacionadas aos testemunhais (constituindo “elementos variáveis”, conforme terminologia de Propp), e que também cumprem a função de conectores isotópicos, fundamentais para ratificar certas construções de sentidos da narrativa.

Iniciamos com o depoimento de um surfista que teve uma das pernas amputada em virtude de atropelamento. Assim ele relata o episódio que viveu e a sua superação:

Meu nome é Alcino Neto, eu sou nascido e criado no Guarujá. Eu comecei a surfar com oito anos de idade. E, nessa época, eu já participava de alguns campeonatos regionais. Numa dessas viagens, na visita por parte da minha mãe, que minha mãe era mineira, eu fui atropelado por uma pessoa embriagada. Eu estava em uma moto e essa pessoa acabou acertando a minha perna esquerda, aonde eu tive que optar pela amputação da minha perna. Quando eu estava no hospital, eu estava num hospital numa situação muito ruim, quase pra falecer mesmo, teve um médico, um médico superjovem, recém-formado, que veio bater um papo comigo. Nessa conversa ele me explicou quanto tempo eu duraria tentando recuperar a minha perna ou se eu amputasse a minha perna qual seria a minha recuperação. Ele me mostrou que, se eu amputasse a perna, eu poderia sair do hospital em uma semana e, se eu continuasse com a perna, eu ficaria mais de três anos a quatro anos em recuperação para poder voltar a andar. Então, a opção minha foi amputar a perna, essa foi a melhor coisa, a melhor decisão da minha vida, porque isso para mim fez eu crescer muito. Eu voltei, após o acidente, à natação, voltei a praticar o surf com um novo estilo, que foi usando uma mão na frente e uma perna atrás. No primeiro momento, em que eu peguei a primeira onda, já veio esse estilo. E assim eu comecei a viajar o mundo, procurando pessoas

com deficiências, voltei a autoestima de começar a procurar competições. Foi aonde eu consegui ser o primeiro campeão mundial de surf adaptado, esse evento aconteceu na Flórida, dentro da Disney, esse evento foi numa piscina, onde tinham dez deficientes participando. Eu nunca tive nenhuma depressão, eu sempre busquei a vida ideal, sempre busquei praticar o esporte, ter grandes amigos. Os momentos são difíceis de lidar, porque você está acostumado com duas pernas, então no momento que você perde um membro, você tem que se acostumar no dia a dia com um diferente estilo. Eu acho que esse estilo veio superbem, porque acabou sendo um estilo próprio, assim, de usar uma prótese muito legal, de testar vários tipos de próteses para poder produzir a minha própria prótese, para poder pegar onda. Tem uma frase que eu uso muito que é *o impossível está na mente dos acomodados*. A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi ter conhecido a minha esposa, é a Maria Gabriela, ela é uma pessoa que me ajudou e me fortalece muito, me mostrou umas diretrizes diferentes da vida, de seguimento, participa comigo o tempo todo, a gente pega onda, a gente ajuda as pessoas. Eu acho que essa foi a maior onda que eu dropei até hoje. Pra mim fica difícil eu quantificar pra mim o que seria eu com as duas pernas hoje. Eu acho que o pirata, com uma perna, surfista, profissional e campeão mundial, eu acho que é tudo na minha vida. Eu tenho um projeto que se chama *Surfing for all*, é um projeto que foi desenvolvido pro surf adaptado, pra pessoas com diversos tipos de deficiência, esse DVD que foi produzido por nós está visitando cinquenta países, pra todas as federações, escolas de surf e hospitais, pra que as pessoas enxerguem e possam ajudar as outras pessoas através do esporte surf, eu acho que esse DVD veio fortalecer e mostrar a ideia do surf adaptado e ajudar as pessoas a procurarem vencer na vida, procurar seus ideais e ter um potencial no dia a dia, porque a vida é superbela, e você precisa acreditar nela.

Obviamente, há muitos aspectos a se analisar neste depoimento, mas, para os objetivos do nosso estudo, centraremos nosso foco apenas naqueles aos quais nos referimos. É fundamental, por exemplo, quanto

às fases da narrativa, apontar a presença do “médico superjovem” no estágio da manipulação. É ele quem convence o surfista a “optar” pela amputação: “Ele me mostrou que, se eu amputasse a perna, eu poderia sair do hospital em uma semana, e, se eu continuasse com a perna, eu ficaria mais de três anos a quatro anos em recuperação para poder voltar a andar”. A decisão por amputar é o ato que, posteriormente, garantirá ao narrador (o protagonista), na sanção, a vida como recompensa. E não só a vida, mas uma vida de campeão, uma vida de atleta que desenvolveu um novo estilo graças à sua limitação. Não por acaso a amputação, nas palavras do surfista, “foi a melhor coisa, a melhor decisão da minha vida”, porque o fez crescer. Se antes ele era um surfista que competia em campeonatos regionais, após a amputação ele se tornou “o primeiro campeão mundial de surf adaptado”. E a recompensa se estende à conquista de sua mulher, Maria Gabriela, de forma que Alcino a ela se refere com palavras semelhantes à sua decisão pela amputação, “a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi ter conhecido a minha esposa”. Ou, ainda, como se encontrá-la tenha sido o seu grande feito: “Eu acho que essa foi a maior onda que eu dropei até hoje”. A argumentação do médico recém-formado, de que se continuasse com a perna, “ficaria mais de três anos a quatro anos em recuperação para poder voltar a andar”, deu a Alcino a competência, o saber para se decidir – saber correspondente “ao meio ou auxiliar mágico” que passa à mão do herói, segundo Propp, e que, em nosso caso, é dado pelo médico. E a decisão de Alcino abriu caminho, inclusive, para ele chegar a seu próprio projeto profissional, o *Surfing for all*, de tal sorte que seu trabalho passou a ser a divulgação do surf adaptado pelo mundo afora. No nível profundo da narrativa oral, opõem-se o fracasso e o sucesso, sendo que este está relacionado à condição atual do narrador, de ter uma perna amputada: “Pra mim fica difícil eu quantificar pra mim o que seria eu com as duas pernas hoje. Eu acho que o pirata, com uma perna, surfista, profissional e campeão mundial, eu acho que é tudo na minha vida”. A valorização eufórica não está nas duas pernas, mas na prótese própria, feita especialmente para o protagonista.

Seguimos, agora, com o depoimento de Letícia Favarato:

Eu era uma adolescente muito ativa, assim, saía muito com as minhas amigas, tinha uma vida muito movimentada. Eu tava me preparando pro vestibular e aí, em 1993, a gente estava indo pra Bahia, e aí a gente tava na estrada, tinha um caminhão vindo na nossa direção, e aí veio um Fusca ultrapassando esse caminhão. E o Rodrigo, que tava dirigindo, ele tentou sair pro acostamento, só que não tinha acostamento, era só buraco. A gente capotou várias vezes, e o carro parou de cabeça pra baixo. Todo mundo saiu do carro, menos eu. Juntou muita gente e, por sorte, tinha uma médica no local, que instruiu como me retirar do carro. Quando chegamos no hospital, fizeram os primeiros socorros, limparam e, nesse momento, rasparam toda a minha cabeça, porque eu tive um corte muito grande aqui na lateral. Ligaram pra minha família, meu pai alugou um avião pequeno, foi nos buscar, fomos todos pra Vitória. Chegando lá, fiquei na UTI e, assim, diagnosticaram que eu tinha uma lesão na cervical. E aí eu passei uns quatro dias na UTI. A minha mãe, a todo momento, ali do meu lado, eu me lembro muito disso, assim, desses momentos que eu acordava e eu via a minha mãe do meu lado. O apoio da minha família e dos meus amigos nesse momento foi o que fez me fazer sempre ter um pensamento positivo. Por mais que eu tivesse tido essa lesão na face e na coluna, eu ia ficar boa a todo momento, porque eles não deixavam essa peteca cair. Depois do hospital, aí, eu fui pra casa, a gente teve que fazer toda uma adaptação no quarto porque eu perdi os movimentos, assim, eu não conseguia caminhar sozinha, eu não conseguia escrever. E aí eu tive que ficar quatro meses, três meses e pouco com um colete que prendia aqui, né, e eu não tirava esse colete pra nada. Esses três meses foi mais aquela recuperação pra coluna, porque eu perdi um pouco da audição do ouvido, eu tinha um risco de perder a visão. Depois desses três meses, foi em janeiro, eu prestei vestibular, consegui passar no vestibular, iniciei minha faculdade. E aí depois começou o processo das cirurgias de reconstituição da face. Então foram oito anos que eu fiz, cada ano eu fazia uma cirurgia. Uma coisa que me marcava assim é que as pessoas ficavam olhando pra mim,

né, eu saía na rua e, mesmo as pessoas que me conheciam ficavam olhando assim *nossa, como ela mudou, como ela tá diferente*. A minha resposta era sempre um sorriso, eu sempre queria assim surpreender a pessoa de que eu tava bem. E aí, quando em 2001, a minha última cirurgia, o meu médico, que era o doutor Benjamin, ele chegou pra mim, me chamou no consultório dele e falou *agora chega, o que a gente fez já tinha sido feito, agora tá assim, não tem jeito de voltar ao que era antes. Esse é o seu rosto e você tem que agradecer, entendeu, por você tá viva, por você ter chegado nesse estágio*. E a partir desse momento eu passei a enxergar a vida completamente diferente, assim, eu comecei a ver outros valores, e depois desse momento que eu consegui me libertar, assim, em 2003 eu conheci meu marido. Eu consegui enxergar nele coisas que são importantes pra mim. Sou formada, sou arquiteta, tenho meu escritório, trabalho muito. Eu tenho uma filha linda que tem dois anos, tô grávida. Essa lição que eu tiro de tudo, esse afeto é um afeto diferente de pessoas que você conhece, de amigos. Agora, o afeto da família é um sentimento que não tem preço, não tem tamanho, não tem dimensão. Acho que essa é a lição que eu tiro de tudo assim hoje.

Como no depoimento anterior, é um médico, o doutor Benjamin, dessa vez (assumindo na narrativa a função de “doador”, conforme Propp) quem convence a narradora, protagonista, a cessar a sucessão de cirurgias para a reconstituição de sua face, desafio que se destaca em seu depoimento, embora também ela tenha sofrido lesão na coluna cervical. E, aqui, como no primeiro testemunho, a ênfase da narrativa está na fase da manipulação, quando o médico convence a jovem a se aceitar do jeito que ela é (o jeito que o acidente a tornou, não obstante as intervenções médicas): *“Esse é o seu rosto e você tem que agradecer, entendeu, por você tá viva, por você ter chegado nesse estágio”*. É ele, médico, quem indica o meio ou auxiliar mágico – a consciência de que o que importa é a vida – para que ela finalmente alcance a superação. Aliás, é o único instante no relato, juntamente com o comentário de surpresa das pessoas conhecidas de Letícia (*“nossa, como ela mudou, como ela tá diferente”*), cujas falas

estão em discurso direto (dentro do depoimento), realçando a aceitação como o objetivo que a jovem deve alcançar. Da mesma forma que no depoimento do surfista Alcino, é a ciência (a medicina), na figura do doutor Benjamin, que dá à narradora a competência, o saber, para “enxergar a vida completamente diferente”, para “ver outros valores” e se libertar de seu inconformismo. Como sanção, a “heroína” conhece aquele que será o seu marido, e é nele que ela conseguirá enxergar as coisas importantes para sua vida, como o trabalho (é arquiteta, com escritório próprio), os filhos, os amigos, enfim, o afeto que as pessoas tinham por ela e que o acidente colocou em xeque. A narrativa, inclusive, valora positivamente a ação humanista dos médicos, em vários enunciados, como “todo mundo saiu do carro, menos eu. Juntou muita gente e, por sorte, tinha uma médica no local, que instruiu como me retirar do carro”, ou “quando chegamos no hospital, fizeram os primeiros socorros, limparam (...), ligaram pra minha família...”, incluindo-os, de certa forma, entre aqueles, amigos e parentes, cujo afeto foi fundamental para a sua recuperação: “Por mais que eu tivesse tido essa lesão na face e na coluna, eu ia ficar boa a todo momento, porque eles não deixavam essa peteca cair”. O ponto de maior euforia em relação a esse aspecto de afeto, de humanismo, está na conduta do médico de Letícia, que a chama ao seu consultório e revela o caminho definitivo da superação.

Por fim, o terceiro depoimento, de Marco Antônio Guedes:

Eu sofri um acidente de moto que me levou a uma amputação abaixo do meu joelho esquerdo. Essa amputação abriu um cenário totalmente diferente na minha vida, porque eu passei de um vocacionado traumatologista, de repente, a um paciente numa UTI. Isso gerou uma série de expectativas e de ansiedades na minha vida. A primeira delas era se eu poderia seguir na carreira que eu me propunha, que era de um cirurgião, de um médico que trabalha em pé durante horas. E obviamente o traumatologista vocacionado e, sendo amputado, eu acabei sendo naturalmente dirigido pra essa área, que era a área de cuidar de pessoas amputadas e de, mais do que isso, trabalhar no sentido de evitar amputações sempre que

possível. Nessa direção, a gente acabou percebendo que na cirurgia, por exemplo, a cirurgia de amputação, existia uma falha grande de enfoque na maneira de indicar e de fazer. A amputação, ela é vista como uma cirurgia de segunda classe, como uma cirurgia que não é importante de ser feita. Uma amputação malfeita, com um membro residual, que a gente chama de coito de amputação, inadequado, vai resultar em problemas no aparelhamento protético, no treinamento protético e na qualidade de marcha e, finalmente, na qualidade de vida dessa pessoa, de forma definitiva. Uma coisa interessante que aconteceu pra mim depois da minha amputação, é que algumas vezes eu me peguei acordando de manhã falando pra mim mesmo *não aconteceu isso, isso foi um sonho, foi um sonho, eu vou abrir meu olho agora e vou tá com o meu pé esquerdo normal, isso aí foi um sonho ruim, só*. E daí você abria o olho e via que não, que aquilo realmente tinha acontecido e, quando acontece, é pro resto da vida, quer dizer, não é por uma semana, não é por um mês, não é por, não são umas férias no Havaí, né, é uma condição que vai ter que se repetir dia a dia, até o teu último suspiro, e essa percepção é muito importante de acontecer. O dia que eu percebi isso, eu senti um peso enorme saindo das minhas costas. Por quê? Porque o meu problema se realizou, ele se consolidou, né, passou a ser uma coisa real, pra ser encarada. Com o tempo, começou a vir aquela coceira de fazer alguma coisa, de se mexer de novo, e aí a minha mulher foi muito importante nisso, porque ela insistia pra que eu fosse jogar tênis, eu falava que não dava, que era um absurdo, como é que eu podia conseguir praticar um esporte como o tênis não tendo uma perna e usando uma prótese?! Até que um dia ela alugou uma quadra e falou *olha, eu tô indo, vou começar a jogar tênis. Se você quiser ir junto, tem lugar no carro*. Eu fui e não parei mais. Hoje eu jogo tênis de maneira bastante competitiva no meu grupo, é claro, mas o prazer enorme que eu tive depois dessa brincadeira do tênis foi sair de lá com uma camiseta suada outra vez. E aí começou uma sequência de descobertas esportivas que mostraram, em uma última análise pra mim, que o limite do amputado tá dentro dele mesmo, né, você vai até onde você consegue, e não até onde alguém ou uma sociedade qualquer impõem que é pra você ir.

Eu não vejo hoje um problema maior, eu acho que o problema tá sempre dentro da gente. A gente resolve pela maneira que a gente enfoca. Quem se encolhe e começa a culpar o mundo ou tudo o que acontece, começa a jogar nas costas da própria deficiência, acaba se limitando por iniciativa própria, e não por imposição da deficiência em si.

Neste depoimento, quem narra o seu trauma – e a sua superação – é justamente um médico, que, antes mesmo de se formar, vítima de um acidente de moto, teve amputada parte da perna esquerda. A narrativa ganha ainda mais interesse por ele ter se encaminhado para a área de traumatologia, que impõe ao profissional horas de trabalho em pé e, assim, o afastava do perfil adequado para essa especialidade médica. Mas, por isso mesmo, por ter passado por uma amputação, Marco Antônio se tornou um traumatologista, e essa sua condição singular o levou a compreender que uma amputação não é cirurgia de segunda classe, como seus pares a concebiam, pois pode comprometer a qualidade de vida da pessoa “de forma definitiva”. Seja como for, o fato de ser médico não o livrou de sentir o mesmo pesadelo daqueles que têm um membro amputado. Sua dor e seu sofrimento, na qualidade de paciente, o fazem experimentar a revolta contra o seu estado, “*não aconteceu isso, isso foi um sonho, foi um sonho, eu vou abrir meu olho agora e vou tá com o meu pé esquerdo normal, isso aí foi um sonho ruim, só*”. Seu trabalho passou a ser evitar amputações sempre que possível, ou fazê-las com os devidos cuidados. Embora seja o protagonista do relato, ele também é, coincidentemente, o sujeito que o leva a obter a competência para realizar a superação. Ele a adquire, de repente, ao se dar conta de que a amputação foi, de fato, o que lhe aconteceu, e que assim será para o resto de sua vida: “O dia que eu percebi isso, eu senti um peso enorme saindo das minhas costas. Por quê? Porque o meu problema se realizou, ele se consolidou, né, passou a ser uma coisa real, pra ser encarada”. A narrativa, em seguida, entrando na fase da performance – quando alguém ganha algo que outro perde –, mostra que esse médico, como sujeito, perdeu a ilusão de ter novamente sua perna e ganhou, como amputado, a aceitação de sua condição. Com

a ajuda da mulher, ele vai jogar tênis e fazer outras descobertas esportivas, que se constituem, enfim, recompensas para a sua vida atual. É a mulher que lhe propõe a “tarefa difícil”, elemento recorrente e favorito nos contos estudados por Propp: “Até que um dia ela alugou uma quadra e falou *olha, eu tô indo, vou começar a jogar tênis. Se você quiser ir junto, tem lugar no carro*. Eu fui e não parei mais”. Na narrativa, a valoração da amputação não é disfórica, mas eufórica: “O limite do amputado tá dentro dele mesmo, né, você vai até onde você consegue, e não até onde alguém ou uma sociedade qualquer impõem que é pra você ir. Eu não vejo hoje um problema maior, eu acho que o problema tá sempre dentro da gente. A gente resolve pela maneira que a gente enfoca”. É esse também o ponto de vista do surfista Alcino, quando afirma que “*o impossível está na mente dos acomodados*”.

### **Do circo à telenovela: deslizamentos de sentido do corpo diferente**

Se o corpo é uma experiência da qual o sujeito não pode apartar-se, posto não haver existência sem corpo, somos instados a analisá-lo como lócus de atravessamentos de naturezas diversas. Construção simbólica, o corpo ocupa lugar de centralidade na experiência da diferença. A percepção da alteridade e a construção dos sentidos atribuídos a ela estão sempre alicerçadas na corporeidade que consiste numa das mais férteis instâncias de reconhecimento da diferença, pois o outro é instaurado na experiência do estranhamento.

Desta forma, buscamos abordar os ocultamentos e as visibilidades – os modos de dizer e de atribuir sentidos – construídas pela mídia para o corpo diferente, considerando que a alteridade é tema recorrente nas cenas midiáticas de períodos históricos e sociedades distintas. A exibição da anormalidade implica estratégias de produção e de circulação de significados: vislumbrá-las possibilita que identifiquemos deslizamentos de sentido da alteridade e alterações nos seus regimes de visibilidade. Num

passeio pelos sentidos atribuídos ao corpo diferente, desde o final do século XIX até o início do XXI buscamos, numa perspectiva de descontinuidade, observar como a alteridade constitui-se e se legitima a partir do olhar do outro – de um olhar social – construído a partir de relações de saber-poder.

Foucault, no curso *Os anormais*, de 1974-1975, dedica-se ao estudo da anomalia numa perspectiva que inter-relaciona o saber médico e o saber judiciário. O filósofo postula numa investigação minuciosa que o exame médico-legal não faz diagnóstico de uma anormalidade que oponha o normal ao anormal. De outro modo, o referido estudioso mostra que o exame médico-legal estabelece gradação que vai do normal ao anormal, conformando a anomalia ao sabor dos acontecimentos sociais. Ao criar uma classificação que comporta três níveis de anormalidade,<sup>5</sup> o filósofo demonstra como a percepção sobre o indivíduo anormal se transforma com o tempo, e como cada época forja seu tipo característico de sujeito anormal.

Numa declarada inspiração foucaultiana, Courtine (2008), em *O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade*, discorre sobre os modos de fazer ver o corpo anormal e como os regimes de visibilidade permitiram sua exposição para o público:

A história dos monstros é, portanto, não só aquela dos olhares postos sobre eles: a dos dispositivos materiais que inscrevamos corpos monstruosos em um regime particular de visibilidade, a história também dos sinais e das ficções que os representavam, mas também a das emoções sentidas à vista dessas deformidades humanas. Levantar a questão de uma história do olhar diante desta última deixa entrever uma mutação essencial das sensibilidades diante do espetáculo do corpo no decorrer do século XX (COURTINE, 2008, p.256).

<sup>5</sup> Foucault classifica o anormal em (1) o monstro humano; (2) o indivíduo a ser corrigido; e (3) o onanista. Neste artigo, fazemos uma breve referência ao monstro, dada a relevância destas noções para nossa análise. Sobre a classificação proposta pelo filósofo no curso *Os anormais*, ver em especial as Aulas de 15, 22 e 29 de janeiro de 1975.

Para Courtine, já nas primeiras “formas da indústria moderna de diversão de massa” (2008, p. 256), há lugar para a exposição das “diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano” (*idem*, p.256). Nessa perspectiva, o autor considera ter havido uma construção do nosso olhar a partir de “uma cultura visual no espaço urbano europeu e norte-americano” (*idem*, p. 256).

No final do século XIX, nas exposições universais, nas feiras, nos parques de diversão, nos circos e/ou nos museus de curiosidades, a exibição dos anormais engendra “a confusão entre o disforme e o distante, que faz da monstruosidade corporal a medida do distanciamento espacial e a marca da alteridade racial” (*idem*, p. 257). Nas referidas formas iniciais de indústria de entretenimento de massa, quando a multidão toma contato com a diferença corporal, observa-se a constituição do sentido disfórico que se atribui ao corpo anormal – das deformidades – e também ao corpo da distinção racial.

A experiência de olhar o monstro na sua deformidade física, desprovido de humanidade, e considerá-lo, a partir de sua anomalia, como desvio ou erro da natureza, é experiência correlata àquela que constrói a distinção racial, posto que essa também é revestida do sentido de anormalidade/monstruosidade. Se a diferença no aspecto físico constitui o monstro, também a diferença racial é assim constituída, pois há proximidade entre o corpo exótico e o anormal.

Na perspectiva dos processos comunicacionais, no final do século XIX, o monstro, considerado aberração da natureza, servia para mostrar a variedade de anomalias que a natureza pode comportar. Para a sociedade parisiense, ávida por novidades, o monstro é novidade que vem do passado, das entranhas do mundo natural, que encontra lugar nos espaços promotores da vida urbana e das práticas de consumo. O monstro faz mesclar a ciência, a curiosidade popular e as leis nesse início de indústria de entretenimento: nessa perspectiva, os sentidos atribuídos ao corpo diferente são aqueles referentes ao desvio, ao não humano, mas também aqueles pertencentes à lógica do mundo do consumo, na medida em que

as pessoas com deformidade tinham permissão para trabalhar e exibir suas anomalias.

Note-se que o monstro tem lugar demarcado no mundo do trabalho: tem licença para a exibição de sua anomalia em feiras, circos, museus de curiosidade etc. Esse lugar legalmente previsto, no entanto, não lhe confere humanidade, não prevê cidadania conforme a noção contemporânea do trabalho, posto que o monstro é exibido como aberração da natureza, um mistério tanto na perspectiva religiosa quanto do médico. Conforme Foucault (2002, p. 79): “Para que haja monstruosidade, essa transgressão do limite natural, essa transgressão da lei-quadro tem de ser tal que se refira a, ou em todo caso questione certa suspensão da lei civil, religiosa e divina”.

O monstro é da ordem do indizível: talvez uma das únicas, senão a única forma de interação social do anormal no final do século XIX se desse pela exibição da deformidade. Nesse contexto, o trabalho justifica o apetite do olhar curioso para a alteridade e responde aos ideais de ordenamento do mundo na época moderna – e, aqui, pensemos no trabalho como uma das formas mais elementares de circunscrever socialmente o indivíduo. Não se prevê com esse trabalho de exibição da deformidade o *status* de trabalhador, mas uma instância permitida de *voyeurismo* social.

Aos poucos, no decorrer do século XIX e início do XX, os sentidos vão sofrendo deslocamentos, e é possível observar um “sentimento de compaixão” sobre as deformidades do corpo. Conforme atesta Courtine, “o período de um século que, de 1840 a 1940 aproximadamente, assiste ao apogeu, ao declínio e finalmente ao eclipse total da exibição do anormal” (2008, p.290). Destaque que, nesse processo de transformação dos sentidos, o papel da ciência foi fundamental para se restabelecer ao monstro seus direitos à humanidade biológica: “O direito o teria acolhido no seio das pessoas jurídicas, e o aumento de um sentimento de compaixão, secundado pelo desenvolvimento de uma medicina restauradora e assistencial, teria levado a cabo a volta à comunidade dos

humanos” (*idem*, pp. 306-307). O saber médico na busca de compreender as deformidades deixa entrever o monstro como algo do cotidiano social, reduzindo a estranheza na medida em que inicia uma explicação da diferença.

No entre guerras, acontece outro deslocamento importante: apesar das mentalidades fascista e nazista que consideravam necessário exterminar todas as marcas de diferença, fossem elas uma deformidade física ou uma etnia, houve grande desenvolvimento do saber médico a respeito das anomalias e, por consequência, um reordenamento do lugar ocupado pelo anormal, agora já denominados de modo distinto, pois as duas guerras mundiais produziram contingentes numerosos de soldados mutilados que não mais poderiam ser enquadrados como anormais/monstros. Os soldados eram trabalhadores da pátria, defendiam os ideais de uma nação, e as mutilações/deformações de seus corpos ganharam sentidos eufóricos: ao lado da deformidade, o heroísmo, a coragem de colocar a própria vida a serviço do país.

Note-se que os regimes de visibilidade do corpo anormal se alteram, alterando também os sentidos a ele atribuídos. O trabalho de defender a pátria modifica o olhar para a deformidade: o corpo do soldado herói de guerra torna-se deformado no exercício da profissão e, portanto, a mutilação reveste-se de caráter de responsabilidade social, de pertencimento, aspecto bastante distinto da condição do monstro que, transgressão das leis naturais, não tem definido seu lugar social. Assim, o deslizamento de sentidos promovido pelas mutilações de guerra engendra as concepções contemporâneas de corpo diferente.

Há consideráveis consequências nesse deslizamento quanto à definição das normas contemporâneas das formas corporais da identidade. Esbatem-se as distinções entre deformidades físicas, anomalias psíquicas, pertença a grupos sociais com traços minoritários: todos são estigmatizados. Além disso, vamos embaralhar a fronteira entre normal e anormal pela universalização das deficiências (COURTINE, 2008, p.332).

Na contemporaneidade, as sociedades democráticas são palco de debates e disputas que, aos poucos, promovem alterações nos regimes de visibilidade da diferença: criação e divulgação de leis, debate sobre acessibilidade e inclusão social dos deficientes em especial na escola e no mundo do trabalho, presença de deficientes na cena midiática evidenciam alguma modificação nos modos de ver, dizer e significar a alteridade. As novas mídias também concorrem nesse contexto, na medida em que são instâncias de divulgação do dizer do outro.

De certa maneira, pode-se dizer que há avanço nos modos de ver e significar o deficiente físico na sociedade de consumo: o fato de se trazer essa temática social para uma telenovela já aponta para a construção de novos olhares para a alteridade. Entretanto, embora haja leis de acessibilidade, haja maior visibilidade, não é razoável ignorar a herança de sentidos disfóricos conferidos ao corpo diferente. A alteridade ainda permanece em grande parte como problema distante no debate político e mesmo no debate socioeconômico, que tanto afeta as dinâmicas do mercado e as práticas de consumo.

Nessa perspectiva, os sentidos atribuídos ao corpo anormal, denominado corpo diferente, nas sociedades democráticas, alteram-se conforme as transformações das relações de poder e de saber. No plano das relações trabalhistas, há leis que preveem postos de trabalho para os deficientes físicos nas organizações. Legalmente amparados, considerados cidadãos, eles participam do debate público e podem dizer de si, ou seja, fazer narrativa distinta daquela que considera a alteridade uma anomalia.

Esses deslizamentos de sentido podem ser observados nas narrativas do *Portal da Superação*, quando as pessoas amputadas podem dizer do sofrimento, mas também da reinserção social. A partir dos depoimentos, podemos dizer que o trabalho torna-se fundamental para o deficiente físico se reabilitar do trauma: pelas relações do trabalho, o sujeito reinscreve-se nas relações sociais.

Conforme McLaren (1997, p. 79), à luz dos estudos pós-coloniais, a diferença é resultado de “construções históricas e culturais” e, nesse

processo, é “politicada ao ser situada em conflitos sociais e históricos reais em vez de ser, simplesmente, contradições textuais ou semióticas” (*idem*, p. 68). Na cena midiática contemporânea, a alteridade encontra espaços de manifestação e, ao ocupá-los, modifica os regimes de visibilidade. Embora haja deslocamentos no modo como a diferença tem sido representada, isso não significa que as tensões provenientes das relações desiguais em nossa sociedade tenham sido abordadas na sua complexidade. Ou seja, o fato de ganhar exposição na mídia não implica análise crítica de preconceitos e de desigualdades historicamente cristalizados.

### **Considerações finais**

Na contemporaneidade, vale lembrar que as representações de corpos diferentes ganham lugar na mídia em decorrência de necessidades econômicas e mercadológicas, o que pode ser entendido como tentativa de a mídia administrar as contradições sociais negando as estruturas assimétricas de poder em nossa sociedade. Da noção de diferença naturalizada, entendida como se fosse transgressão da biologia e, portanto, silenciada ou ocultada no debate social na modernidade, observamos hoje que a diferença foi trazida para a agenda do debate público sobre problemas sociais: uma vez politizadas, as vozes do outro ganham novos sentidos.

Na telenovela *Viver a vida*, o autor apresenta o percurso de superação vivido pela personagem protagonista, que se torna paraplégica após acidente automobilístico, retoma as atividades profissionais, voltando a desfilar – como modelo cadeirante, e se reintegra à vida social, pois se casa e torna-se mãe. Apesar da abordagem eufórica do problema e da distância que existe entre as circunstâncias de vida do deficiente físico na ficção televisiva e na realidade, essa exibição midiática do corpo diferente confere alguma visibilidade aos deficientes na sociedade brasileira, e abre

espaços para a alteração dos sentidos a eles atribuídos: o site criado para a personagem é visitado por um número expressivo de internautas; o desenrolar da trama é bastante criticado pelo público quando a personagem paraplégica vive num cenário idealizado, apartada da vida cotidiana e dos problemas de acessibilidade que afetam a qualidade de vida dos deficientes físicos; sem mencionar que os depoimentos verídicos apresentados no final de cada capítulo chamam a atenção dos telespectadores para as mais variadas situações de traumas físicos e/ou psicológicos. Esse recurso retórico-formal, que mescla ficção e realidade, promove a transmidialidade quando, a partir da narrativa televisiva, ampliam-se as possibilidades de publicizar narrativas de pessoas comuns com deficiência física por meio do *Portal da Superação*.

O uso de nova plataforma midiática evidencia que na sociedade de consumo a dor do outro e a própria dor ainda despertam interesse e emergem em novos espaços/instâncias de exibição. Podemos dizer que a anormalidade e/ou o inusitado da condição do corpo na situação de trauma expõem a vítima como alguém diferente dos demais e que, tendo sobrevivido à experiência de mutilação, encontra no referido portal a possibilidade de compartilhar o vivido, de dizer o silenciado e ampliar o debate sobre a diferença. Essas alterações nos regimes de visibilidade da diferença afetam tanto os modos de representá-la nas produções midiáticas quanto seu consumo simbólico.

Nos três depoimentos analisados, verificamos que o corpo amputado, na condição de corpo diferente, não é considerado como obstáculo ou impedimento; ao contrário, atribui-se a ele um status positivo: considera-se esse corpo como promotor de reconhecimento familiar e também social, com a reinserção no mundo do trabalho. Os sentidos do corpo diferente, em nossos dias, são construídos a partir de uma perspectiva de pertencimento, de cidadania, ou seja, de participação ativa e visível.

## Referências

- BRUNO, F.; KANASHIRO, M.; FIRMINO, R. *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- ORTEGA, F. *O corpo incerto*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COURTINE, J. (direção). *As mutações do olhar. Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2a ed., 1990.
- FOUCAULT, M. *Os anormais: curso do Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- McLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Editora Cortez e Instituto Paulo Freire, 1997.
- PROPP, V. I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.